

# Os benefícios interacionais do uso do discurso reportado direto por uma pessoa com afasia

Mônika Miranda de Oliveira\*

## Resumo

Este estudo objetiva investigar os benefícios interacionais do uso do discurso reportado direto por uma pessoa com afasia, fundamentando-se em abordagens interacionais em linguística (TANNEN, 1989; SCHELY-NEWMAN, 2009) e afasia (HENGST *et al.*, 2005; WILKINSON *et al.*, 2010). Para tal, é realizada uma análise qualitativa e interpretativista em dados de fala extraídos de um *corpus* de gravações em vídeo de interações face a face entre pessoas com e sem afasia, transcritas de acordo com as convenções de transcrição propostas pelos analistas da conversa. A análise dos dados de fala revela: construção de enunciados inteligíveis, turnos sem atraso e narrativas; inclusão da fala de personagens ausentes na interação; polidez e gerenciamento da comunicação. Conclui-se que tais benefícios interacionais poderiam não ser alcançados sem o uso do discurso reportado direto devido às limitações impostas pela afasia.

Palavras-chave: Afasia. Linguística. Interação. Discurso reportado direto.

## Introdução

Da Antiguidade Clássica ao século atual, o interesse em compreender o cérebro humano, a linguagem e os seus comprometimentos toma a cena de diferentes campos de estudo. Nesse cenário, este estudo se insere na interface entre os saberes do campo das ciências da saúde e do campo das ciências humanas; em outras palavras, entre os saberes da fonoaudiologia e os saberes da linguística.

Assumo aqui a visão de Jackson (1931) e Goldstein (1948), que defendem que um organismo lesionado neurologicamente age como uma unidade integrada, e o comportamento linguístico de falantes com afasia pode ser visto, no mínimo em parte, como uma manifestação da adaptação aos efeitos da lesão subjacente, em vez de simplesmente ser um reflexo direto dessa lesão.

Penn (1987) argumenta que falantes com afasia se comunicam através da utilização de uma variedade de estratégias, desenvolvendo métodos de

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

comunicação particulares, dentre eles, a estratégia de simplificação, como o uso de discurso reportado direto. De acordo com a autora, a utilização dessas estratégias por falantes que apresentam afasia reflete sua aptidão para adaptar suas capacidades linguísticas à demanda do meio social com o qual eles interagem e, por conseguinte, possibilita uma interação mais efetiva entre esses falantes e o meio.

A visão da autora, ao conceber o comportamento linguístico de falantes que apresentam afasia em termos de adaptação ao ambiente, vai ao encontro de estudos seminais acerca das afasias no campo da neurologia, como os de Jackson (1931) e Goldstein (1939; 1948), que entendem que o comportamento linguístico de falantes com afasia pode ser visto, no mínimo em parte, como uma manifestação da adaptação aos efeitos da lesão subjacente, em vez de simplesmente ser uma reflexão direta dessa lesão.

No estudo aqui apresentado, a participante cujos dados de fala serão analisados, tendo duas possibilidades linguísticas para se remeter a um evento passado – o discurso reportado direto e o discurso reportado indireto –, faz uso apenas do modo direto (no domínio do *corpus* estudado) como uma estratégia de simplificação que lhe possibilita adaptar sua linguagem ao seu comprometimento linguístico.

A fim de fundamentar teoricamente as análises que serão desenvolvidas, nas seções 1 e 2 farei uma explanação acerca da patologia apresentada pela participante do estudo, a afasia, e de estudos interacionais sobre discurso reportado, respectivamente. Os estudos apresentados nessa explanação, por se afiliarem a perspectivas interacionais de estudo da linguagem, compartilham a visão de linguagem como um sistema simbólico social e culturalmente construído (cf. SCHIFFRIN, 1994). Tal concepção de linguagem subjaz às análises realizadas na seção *Analisando conversas entre pessoas com e sem afasia*, bem como informam as conclusões apresentadas na seção seguinte.

### **Sobre as afasias e suas repercussões linguísticas e interacionais**

Classicamente, a afasia é concebida como uma perturbação da linguagem caracterizada por uma alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto no seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala) como no seu aspecto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causada por uma lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central

(SNC), em virtude de acidentes vasculares encefálicos (AVEs), traumatismos cranioencefálicos (TCEs), tumores, ou outras afecções (COUDRY, 2001).

As afasias, em geral, costumam ser acompanhadas por alterações de outros processos cognitivos e de sinais neurológicos como a hemiplegia (perda total da força de um dos lados do corpo), a hemiparesia (perda parcial da força de um lado do corpo), as agnosias (distúrbios do reconhecimento), as apraxias (distúrbios da gestualidade), a discalculia (distúrbio do cálculo), entre outros.

Existem diversas abordagens a partir das quais se pode estudar as afasias, como também um grande número de terminologias que classifica as várias síndromes afásicas. Porém, em vez de realizar uma explanação acerca das classificações das afasias, volto meu foco ao uso da linguagem, por considerar que o discurso de pessoas com afasia nos oferece ferramentas para compreender esse distúrbio da linguagem sem a necessidade de associá-lo a uma classificação.

De acordo com a literatura afasiológica, o comprometimento da linguagem pode se manifestar no discurso de pessoas com afasia por meio de anomia (dificuldade de encontrar palavras), parafasia verbal (substituição de palavras), parafasia literal (substituição de partes da palavra), agramatismo (dificuldade de estruturação gramatical dos enunciados), ecolalia (repetição de palavras ou expressões), jargonofasia (fala ininteligível), fala estereotipada (fala isenta de conteúdo comunicativo adequado ao contexto), e linguagem perseverativa (marcada pela repetição de fonemas, sílabas, palavras ou frases por diversas vezes) (MURDOCH, 1997). As dificuldades linguísticas apresentadas pelo afásico têm repercussões que se estendem para além da estrutura da língua, alcançando cenários discursivos e interacionais. Esses sujeitos costumam lidar, no seu dia a dia, com limitações linguísticas que os submergem em um processo de “adaptação” ao déficit ao usarem a linguagem. São exemplos de tal adaptação o uso de recursos prosódicos, como por exemplo, prolongamento de vogais, para sinalizar a posse da palavra (LANINI; OLIVEIRA; VIEIRA, 2010) e o uso do discurso reportado direto, de modo a tornar os enunciados mais simples do ponto de vista gramatical (PENN, 1987; OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014). Não obstante a estratégia ou o recurso utilizado, os efeitos dessa adaptação, resultados de seu emprego, tornam-se evidentes nos benefícios interacionais alcançados, conforme veremos nas análises.

Em relação ao uso de recursos prosódicos, Lanini, Oliveira e Vieira (2010) observam que o elemento “e” (acompanhado de prolongamento), presente no

discurso de uma pessoa com afasia, constitui uma estratégia prosódica utilizada para lidar com a presença de comprometimentos linguísticos, como a anomia e o agramatismo. Esse recurso prosódico, segundo as autoras, é classificado como preenchedor de pausa com função discursiva de índice de posse de palavra, uma vez que a falante lança mão de tal recurso como uma forma de se manter com a posse da palavra.

Na visão de Penn (1987), as estratégias utilizadas por pessoas com afasia para lidar com o déficit linguístico envolvem adaptação do uso de recursos linguísticos limitados. A autora defende a tese de que o uso do discurso reportado direto consiste em uma estratégia de simplificação. Tal tese constitui o pilar sobre o qual este estudo é construído.

É relevante destacar que o uso de estratégias adaptativas pode ser considerado produtivo desde que (i) atinja o propósito comunicativo do falante e (ii) propicie entendimentos mútuos entre os participantes da interação em curso. Portanto, ao utilizar determinadas estratégias em situações interacionais, como é o caso do contexto deste estudo, o falante tem grande possibilidade de alcançar construções de sentidos que não seriam possíveis de outra forma.

## **As contribuições de abordagens interacionais em linguística e em afasia acerca do discurso reportado direto**

### ***Abordagens interacionais em linguística***

As abordagens interacionais de estudo da linguagem se afiliam aos métodos qualitativos de pesquisa, mantendo o foco nas trocas interacionais. Segundo Gumperz (1999, p. 454), “interagir, por sua vez, implica se engajar em um processo de negociação em curso, tanto para inferir o que os outros querem dizer, quanto para monitorar como nossas próprias contribuições de fala são recebidas”. O que, de fato, está em jogo são interpretações partilhadas, e nesse sentido, o objetivo de vertentes interacionais em linguística é demonstrar como os participantes utilizam a fala para alcançar seus objetivos comunicativos.

No que diz respeito ao discurso reportado direto, estudiosos desse campo, como Tannen (1989) e Schely-Newman (2009), interessam-se pelos efeitos/funções interacionais do seu uso no cenário conversacional. Em um estudo seminal acerca do discurso reportado, Tannen (1989) inaugura a tese de que a fala

reportada (ou fala direta, ou discurso direto, ou citação direta) consiste em um diálogo construído, ao invés de reportado, pois é criativamente construído por um falante corrente em uma situação corrente.

A autora destaca que muito do que é revelado no discurso como fala reportada nunca foi enunciado anteriormente, ou, talvez, pode ter sido enunciado, embora não utilizando necessariamente as mesmas palavras que foram usadas pelo falante que as reportou. Mesmo em casos em que o enunciado for repetido utilizando exatamente as mesmas palavras outrora proferidas, ainda assim, não se trata do mesmo enunciado, mas, sim, nas palavras da autora, de um diálogo construído pelo falante corrente em uma situação corrente.

Tannen (1989) argumenta que o sentido do enunciado reportado está associado ao contexto reportado (o contexto em que esse enunciado foi primeiramente proferido), ao passo que quando o enunciado é repetido por um falante corrente, ele existe primariamente, se não somente, como um elemento do contexto da reportagem (contexto da situação corrente, o “aqui e agora” da interação). Isso ocorre porque a fala enunciada em um contexto, ao ser repetida em outro contexto, é fundamentalmente modificada, mesmo se ela for repetida exatamente com as mesmas palavras, uma vez que o sentido da fala reportada é inevitavelmente transformado pelo contexto da reportagem.

Nesse sentido, a repetição de um enunciado representa um movimento conversacional de transformação ativo e criativo realizado pelo falante corrente, que expressa a relação entre a parte citada e o ouvinte para o qual a citação é proferida, transformando fundamentalmente a natureza do enunciado (TANNEN, 1989). Em outras palavras, o falante corrente, ao repetir o enunciado, não realiza uma ação passiva de reportar, mas uma ação ativa de criar um ato de fala inteiramente novo e diferente, utilizando o que foi reportado como uma fonte material a serviço de algum objetivo interacional imediato.

Portanto, através do diálogo construído, o falante utiliza uma estratégia discursiva que estrutura a informação de uma determinada maneira, permitindo a criação de drama e envolvimento, e uma comunicação efetiva (cf. TANNEN, 1989). Sendo assim, deve-se ter em conta que, por meio do diálogo construído, o falante “fornece voz” ao personagem, representando o que foi dito ou não foi dito e, até mesmo, o que foi dito, porém, não exatamente com as mesmas palavras, criando drama, envolvendo o personagem, bem como a si mesmo e ao ouvinte em uma interação dinâmica.

Complementando as contribuições de Tannen (1989) a respeito dos efeitos interacionais do uso do discurso reportado direto, e a elas se alinhando, o trabalho de Schely-Newman (2009) sustenta que a fala reportada fornece drama ao evento reportado, autentica e valida o relato, aumenta o envolvimento dos participantes quanto ao conteúdo referencial, assim como ajuda o narrador a acessar, explicar, posicionar, definir, justificar e defender suas ações, consistindo em uma poderosa estratégia discursiva.

Além das funções que acabei de mencionar, a autora destaca que a fala reportada dota o enunciado de algum valor e força do enunciado do autor original, adiciona perspectiva de outras pessoas ao que é reportado, e acrescenta um aspecto avaliativo ao enunciado no seu novo contexto (contexto da enunciação) quando essa fala reportada apresenta o uso de *verbum dicendi* (verbo de fala).

Por fim, de acordo com a autora, a animação das palavras de outras pessoas permite ao narrador uma distância flexível dos eventos reportados de modo que ele possa acessá-los criticamente. Além disso, tal animação promove uma redução da responsabilidade em relação ao conteúdo reportado, mitigando as atitudes prejudiciais e derogativas.

### ***As funções comunicativas do uso da fala reportada direta por pessoas com afasia***

O estudo pioneiro de Hengst *et al.* (2005) nos apresenta as funções comunicativas do uso da fala reportada por indivíduos com afasia em interações comunicativas cotidianas. Pautando-se em estudos que abordaram a fala de indivíduos sem afasia, a autora defende a posição de diversos autores sociolinguistas de que a fala reportada, ao direcionar a atenção para as palavras e vozes dos falantes ausentes, amplia a estrutura de participação (*i.e.* os participantes da cena interacional: falantes, ouvintes e espectadores) para além dos participantes presentes.

Conforme Hengst *et al.* (2005, p. 139), “a partir dessa vertente, enquanto recurso comunicativo, a fala reportada rotineiramente contribui para diversas funções interacionais, referenciais, discursivas e sociais”. As funções interacionais, todavia, voltam o foco de atenção para a estrutura de participação e servem para estruturar a interação, apontando quem fala e para quem, e como a fala é direcionada.

Em relação às funções referenciais da fala reportada, deve-se considerar que, segundo Hengst *et al.* (2005), elas estão relacionadas a “como a referência é feita” e a “o que está sendo referenciado”. A autora destaca que as três funções referenciais

fundamentais da fala reportada em interações face a face consistem em descrever, demonstrar e indicar, e que essas funções estão relacionadas a “como a referência é feita” e a “o que está sendo referenciado” (cf. CLARK; GERRING, 1990 *apud*. WILKINSON *et al.*, 2010). Por meio da fala reportada direta, ao contrário da indireta, que somente serve à demonstração, o falante pode descrever ou demonstrar uma situação passada, bem como usar recursos dêiticos, para reportar a fala do outro para a situação presente. Nesse sentido, a fala reportada direta, ou melhor, aquilo que está sendo referenciado, é construído estrategicamente ao invés de ser meramente reportado.

A função discursiva da fala reportada compreende o seu uso em narrativas breves que ocorrem no fluxo das conversas (*e.g.* narrativas pessoais ou fofocas), e em narrativas mais longas e formalizadas (*e.g.* histórias de família, lendas ou contos populares). Tal uso fornece drama às histórias, permite que os falantes restabeleçam vividamente os eventos no momento em que eles foram originalmente desenvolvidos (cf. BESNIER, 1992; HICKMAN, 1993), acentuando o envolvimento do ouvinte ou da audiência (cf. TANNEN, 1989).

No que diz respeito à função social, a fala reportada direta possibilita ao falante se alinhar a uma identidade social ou se distanciar da responsabilidade do enunciado (cf. IRVINE, 1996). Além disso, a fala reportada, pelo fato de representar seletivamente as palavras de outro, atribui ao falante a posição de sinalizar suas avaliações da fala e do falante que está sendo reportado (cf. GUNTNER, 1999; KOVEN, 2001 *apud* HENGST *et al.*, 2005).

No contexto das afasias, Hengst *et al.* (2005) destacam que, dentre os tipos de fala reportada utilizados por indivíduos com afasia, a fala reportada direta corresponde ao tipo mais utilizado. No estudo por ela realizado, a fala reportada utilizada por indivíduos com afasia serviu a diversas funções, como as seguintes: (i) permitir não somente a exibição da fala de outros, mas também a estratégica representação da fala ou do pensamento de outros, pelo fato de ser uma prática discursiva criativa; (ii) propiciar a reunião de objetivos comunicativos diversos e imediatos; (iii) possibilitar a estruturação discursiva e o gerenciamento das interações comunicativas cotidianas e dinâmicas; (iv) atribuir a outros os julgamentos hipotéticos e negativos sobre o personagem da história que está sendo reportada, permitindo um partilhamento e uma distância do narrador em relação a esses julgamentos; (v) trazer facilidades ao processo comunicativo, contribuindo para seu sucesso; (vi) promover a contextualização das palavras do narrador e das palavras de outros.

A autora alega que é a preservação da competência pragmática e metapragmática a responsável pela produção, pelo uso funcional e pelo sucesso comunicativo do uso da fala reportada por pessoas com afasia.

***A fala reportada como performance: um método interacional utilizado por pessoas com afasia***

Ao mesmo tempo que produz a fala reportada direta, o falante pode apresentar comportamentos paralinguístico prosódico e/ou cinésico do falante reportado, incluindo uma representação de aspectos do falante reportado, tais como aparência, estado emocional, registro linguístico. Isso possibilita que o falante demonstre diversos aspectos de uma cena ou um evento reportado, cujas representações seriam mais embaraçosas ou difíceis se realizadas através de palavras e descrições, o que faz com que a fala reportada direta seja um modelo econômico na interação (cf. HOLT, 1996).

Wilkinson *et al.* (2010) utilizam o termo *performance* para tratar do emprego de fala reportada direta e/ou outros comportamentos por falantes afásicos, como o uso de movimento corporal, gestual e/ou prosódia para representar iconicamente alguns aspectos das cenas ou dos eventos reportados. Assim considerando, as *performances* realizadas por falantes afásicos no estudo mencionado não compreendem representações autênticas daquilo que se acredita ter sido verdadeiramente dito ou realizado na situação reportada, mas representações construídas a fim de serem ricamente interpretadas por seus recipientes. De acordo com o autor, tal emprego revela ser um método que permite a pessoas com afasia que apresentam agramatismo tentarem lidar com a demanda envolvida na construção de ações sociais consequenciais e particularmente significativas em um turno de fala, na fala em interação.

O estudo de Wilkinson *et al.* (2010) sustenta que a *performance* no uso do discurso reportado (i) possibilita que falantes com afasia representem o que um falante, cuja fala é reportada, disse ou não disse, sem a necessidade de parafrasear ou descrever esse enunciado reportado; (ii) pode ocorrer em um enunciado com poucas restrições sintáticas e ser produzida como um elemento relativamente autossuficiente; (iii) pode conduzir algo da relação do enunciado ou ação original com contexto ou situação em que ele é produzido; (iv) permite que pessoas com afasia façam uso significativo de seus recursos cinésico e/ou paralinguístico



prosódico regularmente e relativamente preservados em muitos desses falantes; v) fornece um método de construir turnos com formulações de ações e de minimizar atraso de construção do turno (atraso da progressividade da fala), que geralmente ocorre quando falantes afásicos tentam utilizar recursos linguísticos mais convencionais, como verbos e, em particular, verbos produzidos em construções gramaticais, em direção a uma possível finalização do turno.

Em suma, podemos concluir que, como defendido por Wilkinson *et al.* (2010), as estratégias performáticas utilizadas por pessoas com afasia que apresentam agramatismo são consideradas recursos úteis e extremamente relevantes para que esses falantes formulem ações e eventos na presença de recursos linguísticos (gramaticais e lexicais) limitados, consistindo em um exemplo de um método interacional utilizado por tais falantes. Em outras palavras, por meio dos enunciados que dão corpo à *performance*, pessoas com afasia constroem turnos de fala/ação, engajando-se na interação.

### **Analisando conversas entre pessoas com e sem afasia**

Inserido no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Interacional, este estudo tem como objetivo investigar os benefícios interacionais do uso do discurso reportado direto por uma afásica. Com tal propósito, é realizada uma análise qualitativa e interpretativista em dados de fala extraídos de um *corpus* de aproximadamente 15 horas de gravações em vídeo de interações face a face entre pessoas com e sem afasia, transcritas de acordo com as convenções de transcrição propostas por Gail Jefferson, que se encontram em Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com algumas adaptações de Schifffrin (1987) e Tannen (1989).

Os dados sob investigação consistem em recortes das transcrições de modo a privilegiar trechos de conversas nos quais a participante desse estudo, cujo pseudônimo é Laura, serve-se frequentemente, e exclusivamente, do discurso reportado direto para reportar falas outrora proferidas. Laura apresenta dificuldade de estruturação de enunciados, o que, de acordo com a literatura afasiológica, é considerado um agramatismo, uma dificuldade de construção sintática dos enunciados. Tal comprometimento linguístico, no caso de Laura, é decorrente de uma lesão no Sistema Nervoso Central (SNC) ocasionada por um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Para a constituição do *corpus*, três mulheres afásicas e uma pesquisadora se reuniam em grupo semanalmente em um laboratório vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora para discutirem tópicos relacionados a AVCs e afasias. Durante essas discussões, outros tópicos além daqueles que compunham a agenda da pesquisadora eram levantados pelas participantes, que consideravam aquele grupo um grupo de apoio, um espaço para conversar sobre suas vidas cotidianas.

Os dois primeiros segmentos que serão analisados a seguir foram recortados de uma interação em que as participantes discutem sobre relacionamento pessoal. Nesses segmentos, Laura fala sobre o relacionamento com seu namorado Roberto (a pessoa com quem morava e com a qual tinha tido dois filhos, Luana e Roberto).

#### EXCERTO 1: O relacionamento de Laura com seu namorado Roberto

- 01 Laura: eu acho assim (.) amo:r (.) uma vez só. depois, (pausa)  
 02 Lívia: você acha? mas você é tão nova↓ (.) você acha (.) que  
 03 amor é só uma única[vez?]  
 04 Laura: [hunrum.] assim ( ) eu (.) gostava  
 05 pá caramba do roberto. nó: e como↓ dez anos atrás. e:  
 06 (.) roberto (.) é machucou <bastante>. ... às vezes eu  
 07 é: às vezes é:: ... felicida::de (.)muita (.)depois (.)  
 08 um pouquinho só. depois (.) infelicidade. ... o tráfico  
 09 o ( ) ri de ja (.) ri de ja (.) janeiro. na penha. eu  
 10 não aceitei. porque meu filho↓ não (.) tem que pa-ga.  
 11 Lívia: ele morava lá?  
 12 Laura: hunrum.  
 13 Lívia: no rio de janeiro? na penha?  
 → 14 Laura: hunrum. (pausa) ( ) eu >pensei assim oh,< “eu (.) meu  
 → 15 filho não pagar.” (.)eu fugi.(.)do rio e voltei pra cá.

No trecho acima, a fala dos turnos iniciais nos permite inferir que a narradora Laura reporta seu pensamento na ocasião em que ela passava por um conflito conjugal com seu namorado, e que tal pensamento reportado compreende o motivo que a fez tomar a decisão de abandonar a companhia do seu namorado no Rio de Janeiro e se mudar para outra cidade.

A partir de um prisma interacional, observamos que Laura, enquanto narradora, ao fazer uso do discurso direto (“eu (.) meu filho não pagar.”), toma posse da perspectiva da personagem Laura, trazendo para a cena interacional

tanto a perspectiva de Laura enquanto personagem como a perspectiva de Laura enquanto narradora. O fato de vermos a perspectiva de Laura (narradora) revelada através do uso do discurso reportado direto corrobora a tese de Tannen (1989) de que o discurso direto consiste em um diálogo construído por um falante corrente em uma situação corrente, uma vez que temos a perspectiva do narrador somada à perspectiva do personagem, construindo um novo discurso. Nas palavras de Schely-Newman (2009), a fala reportada dota o enunciado de algum valor e força do enunciado do autor original e adiciona a perspectiva de outras pessoas ao que é reportado, nesse caso, a perspectiva da narradora Laura.

Podemos verificar, nesse trecho, a presença de dois relevantes benefícios interacionais advindos do uso do discurso direto: (i) em vez de parafrasear o discurso reportado, Laura (narradora) se comunica por meio de um tipo mais simples de construção de discurso reportado, o que, levando em conta sua dificuldade, lhe possibilita construir um turno de fala sem a presença de atrasos, conferindo fluidez ao seu discurso e propiciando uma comunicação efetiva (cf. WILKINSON *et al.*, 2010); e (ii) o emprego desse modo de discurso também auxilia Laura (narradora) a expressar sua perspectiva (seu pensamento) a fim de justificar e defender sua atitude de abandonar a companhia do seu namorado (cf. SCHELY-NEWMAN, 2009).

#### EXCERTO 2: O relacionamento de Laura com seu namorado Roberto

- 01 Laura: >eu falei assim oh,<“meu filho não pagar por tudo não ↓”  
02 o roberto paga. por tudo. (.) meu filho não. oh, meus  
03 filhos, o roberto, é: junior (.) trabalha (.) três  
04 anos ↓ (.) trabalha. ... é começou, é é: treze anos.  
05 Livia: novi[:nho, ( ] )  
06 Laura: [hunrum.] e: (.) tu:do é:: é (.)eu não compro nada.  
07 nada. o:: (.)eu chamo de Beto. o Beto compra tudo.

No contexto interacional, existe uma diferença significativa quanto ao efeito advindo do uso, por Laura (narradora), no excerto 2, na linha 01, do verbo *falar* seguido da citação direta (“meu filho não pagar por tudo não↓”), em comparação ao uso do verbo *pensar* seguido da citação direta (“eu (.) meu filho não pagar.”), no excerto 1, na linha 14. Ao usar o verbo *falar* antecedendo a citação direta, Laura

(narradora) assume que a interação por ela reportada de fato aconteceu, o que não se sustenta com o uso do verbo *pensar*, ao mesmo tempo em que exhibe suas experiências (do evento reportado) para as participantes da cena presente. Isso traz mais vivacidade, validação e autenticidade ao evento reportado, envolvendo e aproximando as participantes da interação do evento reportado (cf. TANNEN, 1989; SCHELY-NEWMAN, 2009). Uma vez próximas à situação, as participantes da interação estão mais aptas a desenvolverem sentimentos provocados pela cena reportada e, por conseguinte, a partilhar da opinião de Laura (narradora). Desse modo, podemos considerar que o uso do modo direto garante sua extrema importância no jogo argumentativo, e isso é significativo para uma pessoa com afasia, cujos recursos linguísticos, embora limitados, podem ser habilidosamente utilizados.

O próximo segmento foi extraído de uma interação na qual as participantes falam sobre amizade e apresenta o relato de Laura a respeito de sua amiga Nilma.

### EXCERTO 3: A amiga Nilma

- 01 Lívia: você quer contar↑ quer contar↑ contar pra gente?  
 02 Laura: não é:: ... eu esperava a nilma, minha amiga né↑ é::  
 03 é:: (.) minha amiga assim, de co::pó, ... noita:da. eu  
 04 contava com ela é hospital, ficar comigo. não ajudou  
 05 em nada↓ depois, (.) uma pessoa é não<esperava °nada↓°>  
 06 Lívia: ( ) a pessoa que você menos [esperava],=  
 07 Laura: [hanram.]  
 08 Lívia: = ( ).  
 09 Laura: ajudou. pa caramba.  
 .  
 .  
 .  
 14 Laura: >eu acho assim oh,< é minha amiga de copo.  
 15 Lívia: só disso.  
 16 Laura: hanram. eu falei- depois, eu melhorei e falei a  
 → 17 verdade. oh, “nilma, você ... pra mim, amiga não↓ você  
 → 18 era↓ de copo.”  
 19 Lívia: °o quê que ela falou↑°  
 → 20 Laura: “°ah, não↓ desculpa.” “>desculpa não< é: você- ... eu  
 → 21 viver minha vida e você na dela↓”

Podemos considerar que, ao proferir “°ah, não↓ desculpa.” (linha 20),

a narradora Laura está reportando a fala da sua amiga Nilma, e ao proferir “>desculpa não< é: você- ... eu viver minha vida e você na dela↓” (linhas 20-21), ela está reportando sua própria fala, sendo que ambas as citações diretas compõem a resposta à pergunta que Lívia fez na linha 19 (°o quê que ela falou↑°). Temos, então, nesse trecho, a narradora reportando um diálogo entre ela e sua amiga para as demais participantes da interação. A partir de uma perspectiva interacional, podemos dizer que Laura está construindo um diálogo na interação em curso, e que, ao fazer isso, ela dá vida aos personagens, uma vez que os mesmos ganham voz (cf. TANNEN, 1989).

Através do uso do discurso reportado direto juntamente com outros comportamentos, no caso, o prosódico, que possibilita verificar a transição da fala de Nilma para a fala de Laura na linha 20, representando alguns aspectos da cena reportada, podemos observar a *performance* da narradora Laura (cf. WILKINSON *et al.* 2010), demonstrando, sobretudo, que ela, diante de suas limitações linguísticas, faz uso significativa da prosódia, que se encontra preservada, para representar aspectos da situação reportada. Ademais, o uso do discurso reportado nesse trecho amplia a estrutura de participação, ao trazer a voz de Nilma, além da voz de Laura como personagem do evento narrado, para a cena interacional (cf. HENGST *et al.*, 2005).

Os próximos três segmentos sob análise consistem em trechos da narrativa do AVC sofrido por Laura.

#### EXCERTO 4: O episódio de AVC de Laura

- |    |        |   |
|----|--------|---|
| 01 | Lívia: | como foi?   |
| 02 | Laura: | eu eu é: cinco horas <eu tive avc>, né↑ eu (.)              |
| 03 |        | trabalhando, ((direciona o olhar para carla e tereza        |
| 04 |        | que estavam mantendo uma conversa paralela))                |
| 05 | Lívia: | ((direciona o olhar para carla e tereza)) gente, a          |
| 06 |        | história dela é diferente,=                                 |
| 07 | Laura: | =trabalhando, né? cinco horas↓ é: é:=                       |
| 08 | Lívia: | =ah↓ ( )?   |
| 09 | Laura: | hanram. escuta só. é:: ... eu é: levantei↓ e ...            |
| 10 |        | a cabeça doía↓ eu é:: >sentei de novo.< ... e ... cinco     |
| 11 |        | minutos depois eu levantei de novo. eu (.) quase caí. a     |
| →  | 12     | lícia (.) me segurou. “ <u>Laura</u> ↑ brincadeira é essa?” |
| →  | 13     | eu brincava muito. ... “brincadeira? é: brincadeira é:      |

- 14                   laura↑” eu(.)não falava ... e o braço doía demais↓ e::=  
 15   Lívia:           =dava um formigamento?  
 16   Laura:           hunrum. e: ... ro-xeou meu braço e:: ... minha boca.  
 → 17                   a: a: a:: zeneide>falou assim oh,< “a laura, não  
 → 18                   brincando não↓ é é é:::- chama a ambulança.” é:: eu é-  
 19                   (.) oh, de manhã- >não,< do <almoço,> eu falei a  
 → 20                   zeneide assim, (.) “é eu rolando a língua.” ... é::  
 21                   no almoço. eu enrolando a língua, né? e:: a zeneide é  
 → 22                   “brincadeira (.) sem graça laura↑ você-” eu é- >eu acho  
 → 23                   assim oh,< eu acho é eu derrame. ... é: a zeneide  
 24                   >não acreditou não↓<<minha língua enrolando↑>acabou.  
 25                   eu trabalhei normal. cinco horas e: (.)em ponto. ... eu  
 26                   desliguei a máquina, né↑ e ... levantei e (.) voltei  
 27                   de novo. na cadeira né↑ depois eu levantei, (.) quase  
 28                   caí. a lígia me segurou. e:: ... o braço doía e: ... e:  
 29   Carla:           desmaiou não?  
 30   Laura:           não.

Nas linhas 17-18 (a: a: a:: Zeneide >falou assim, oh,< “a Laura, não brincando não↓ é é é:::- chama a ambulança.”), a narradora Laura, ao fazer uso do modo direto de discurso reportado, traz para a cena conversacional não somente a perspectiva da personagem Zeneide de que a personagem (Laura) estava apresentando os primeiros sintomas de AVC, mas, principalmente, toma posse de tal perspectiva, fazendo sua a perspectiva assumida pela personagem Zeneide. Desse modo, no “aqui e agora” da interação, temos a perspectiva da personagem Zeneide incorporada à perspectiva da narradora Laura. Em outras palavras, ao narrar sua história, Laura parece assumir que, assim como enunciado pela personagem Zeneide, ela não estava brincando e que havia algo de grave acometendo sua saúde, de modo a necessitar que se chamasse uma ambulância.

O uso da forma direta “ ‘a laura, não brincando não↓ é é é:::- chama a ambulança.’ ”, (linhas 17 e 18), pela narradora Laura fornece alguns benefícios interacionais, visto que, por meio do uso da citação direta, está sendo possível para Laura construir sua narrativa, não obstante de uma forma não canônica, de modo a não interromper o curso da narração nem o entendimento mútuo das participantes da conversa. Em outras palavras, o uso do discurso reportado direto está possibilitando a estruturação discursiva e o gerenciamento da

interação comunicativa (cf. HENGST *et al.*, 2005), funcionando, diante do déficit lingüístico, como um recurso alternativo para construção de sentido (cf. OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014).

Na linha 22 (“a Zeneide é “brincadeira (.) sem graça Laura↑ você-”), Laura (narradora) está reportando a fala de Zeneide (personagem), em outras palavras, o comentário de Zeneide (personagem) diante da descrição dos sintomas de AVC apresentada por Laura (personagem). Nesse caso, o uso do discurso reportado direto fornece drama à história, permitindo que Laura restabeleça vividamente seu episódio de AVC (cf. BESNIER, 1992; HICKMAN, 1993 *apud* HENGST *et al.*, 2005), ao mesmo tempo em que, por se tratar de citação direta, válida e autêntica a fala de Zeneide, por conseguinte, a narração do evento (cf. TANNEN, 1989; SCHELY-NEWMAN, 2009).

#### EXCERTO 5: O episódio de AVC de Laura.

- 01 Laura: [e depois,] depois, eu é:: é cheguei policlínica, né↑  
 02 <bu>lância é- me levou e, (.) é:: (.) baixo da língua,  
 03 ((apontando com o dedo para embaixo da língua)) o  
 → 04 remédio, ... é:: “meia hora, (.) você levanta↓ na  
 → 05 cadeira, é:: vai embora.” minha filha- é minha colega é:  
 06 tava. o a maria do carmo é: telefonou e: filha e: a  
 07 vizinha, né↑ é:: me é avisou, né↑ ( ) eu  
 → 08 o- a Luana me- eu olhava a Luana “olha. olha.”  
 09 ((segurando e mostrando o braço direito)) ... a mãe  
 10 chegou, ... e ... não encontrou tudo não. m- é: eu (.)  
 → 12 eu (.) é: “olha. olha.” ((segurando e mostrando o  
 13 braço direito)).  
 .  
 .  
 .  
 → 20 Lívia: só estava falando “olha.” [“olha?”]  
 21 Laura: [é:]((movimentou a cabeça  
 22 para baixo e para cima sinalizando afirmação)) doendo  
 23 muito o braço, né↑ a a mãe<percebeu> avc↑

Nesse segmento, excerto 5, a narradora Laura narra sua chegada à policlínica e os momentos iniciais que sucederam esse evento. Durante o relato dos momentos iniciais, a narradora faz uso, nas linhas 04 e 05, do discurso direto “ ‘meia hora, (.) você levanta↓ na cadeira, é: vai embora.’ ”, reportando a fala, ou melhor, a ordem dirigida à personagem Laura por alguma pessoa presente na situação narrada. Uma vez que Laura estava na policlínica, essa pessoa podia ser o enfermeiro ou o médico da policlínica ou, até mesmo, algum acompanhante. Nesse caso, temos que, por um lado, o discurso direto utilizado pela narradora Laura evoca algum aspecto do evento reportado que não foi reportado por ela, funcionando como uma âncora que liga o enunciado à situação original e conduzindo a informação de que a narradora Laura poderá estar reportando a fala do enfermeiro, do médico ou de algum acompanhante (cf. WILKINSON *et al.*, 2010).

Um pouco mais adiante, nesse mesmo trecho da interação, podemos verificar que Laura (narradora) utiliza a citação direta, “ ‘olha. olha.’ ” (linhas 08 e 12), novamente não introduzida por um verbo *dicendi*, que, naquele contexto discursivo se refere à fala que Laura (personagem) dirigiu à sua filha Luana (personagem) ao mostrar-lhe seu braço na cena narrada. Diante do comprometimento linguístico por ela apresentado, Laura faz uso de gestos associados à fala, exibindo sua *performance* na tentativa de que a comunicação se dê de modo efetivo.

No que tange aos gestos, por meio de sua *performance*, Laura (narradora) representa iconicamente alguns aspectos da interação com sua filha Luana (personagem), que não seriam contemplados pela utilização somente da citação direta, ou seriam mais difíceis de serem ditos de uma outra maneira, devido a suas limitações linguísticas (cf. WILKINSON *et al.*, 2010). Devemos ter em conta que ao se valer desses recursos (discurso direto e gesto), que consistem em comportamentos paralinguístico prosódico e/ou cinésico, Laura demonstra diversos aspectos da cena reportada, cujas representações seriam mais embaraçosas ou difíceis de serem realizadas através de palavras e descrições, o que faz com que a fala reportada direta seja um modelo econômico na interação (cf. WILKINSON *et al.*, 2010).

Sumarizando, no “aqui agora” da interação, tais usos acarretam, sobretudo, os seguintes benefícios: (i) possibilidade de construção do turno de fala dentro do tempo estimado (breve ou longo) para a finalização de turno, ou seja, sem atraso na construção do seu turno de fala (cf. WILKINSON *et al.*, 2010); e (ii) sucesso na construção do sentido, logo, na comunicação (cf. HENGST *et al.*, 2005).

Laura também nos apresenta um enunciado por meio do qual ela reporta o discurso de seus irmãos a respeito de sua fala pós-acometimento neurológico, e que



faz parte de um recorte de uma interação na qual as participantes falam sobre suas vidas após o AVC.

EXCERTO 6: A fala de Laura após o AVC.

- 01 Lívia: e você↑ laura. conta pra gente o que voc- da sua  
02 melhora, o que você está (.) o que você está percebendo  
03 que está tendo, da sua fala,  
04 Laura: ah↓ (.) eu leio é: (.) agora é:: (.)melhorou a:: ...  
05 leitura, é: escrita, ... eu não <completava> as frases.  
06 ago::ra, ... completo. às vezes (.) uma coisa esqueço.  
07 Lívia: mas você completa=  
08 Laura: =hunrum.=  
09 Lívia: =na escrita e na fala↑=  
10 Laura: =hunrum.=  
11 Lívia: =você está percebendo isso?  
12 Laura: hunrum.  
13 Lívia: °ah↓ que bom↓°  
→ 14 Laura: e:: muitas pessoas acompanham e falam assim oh, “laura,  
→ 15 é melhorou pa caramba↑” ... minhas colegas, ... meus  
16 vizinhos, meus irmãos, ... meus irmãos↑ ... é:: ... vejo  
17 (.) é: domingo somente. meus irmãos. dois irmãos. e  
→ 18 meus irmãos falou que “você (.)melhorou pa caramba↓”  
19 ... eu <completo °as frases.°>hoje. não completava as  
20 frases. oh. eu (.) por exemplo ... eu vou ao banheiro.  
21 ... eu (.) completava não. >eu dizia assim< ...  
→ 22 “banheiro.” somente. né↑  
23 Carla: é::↓  
→ 24 Laura: e::: “eu vou almoçar.” ... almoçar só.

No recorte acima, que compreende o excerto 9, o enunciado “ ‘e meus irmãos falou que “você (.) melhorou pa caramba↓” ’” (linha 18) nos revela uma estruturação sintática diferente daquelas apresentadas anteriormente pela narradora Laura, tanto quando ela reporta a fala de uma outra pessoa como quando ela reporta sua própria fala. Conforme podemos observar nesse enunciado, a narradora Laura faz

uso das expressões linguísticas *meus irmãos* (pronome e nome), *falou* (verbo) e *que* (conectivo), o que nos sinaliza que ela irá reportar o discurso de seus irmãos através do modo indireto. Porém, quando Laura, como narradora, enuncia em seguida “ ‘você (.) melhorou pa caramba↓’ ”, verificamos que ela não parafraseia o discurso de seus irmãos, mas, em vez disso, reporta-o através do modo direto, realizando um hibridismo de discurso indireto com discurso direto. Tal hibridismo nos revela uma dificuldade de estruturação de enunciados apresentada pela narradora Laura em relação ao modo indireto de discurso reportado, que, no enunciado “ ‘e meus irmãos falou que “você (.) melhorou pa caramba↓’ ”, pode estar relacionada à sua dificuldade com a dêixis de pessoa e tempo.

No enunciado sob análise, Laura (narradora), ao se servir das palavras e do conteúdo da perspectiva de seus irmãos (personagens), realiza uma autoavaliação positiva sem se autoengrandecer, pois, por meio do uso do discurso direto, a narradora se distancia da perspectiva do personagem. Tal distanciamento possibilita que Laura se autoavale positivamente com as palavras do outro, ou seja, expresse a avaliação positiva e o elogio de seus irmãos em relação à sua fala. Podemos sustentar que se trata de uma autoavaliação positiva e de um autoelogio porque, ao fazer uso do modo direto de discurso reportado, o narrador compartilha da perspectiva do personagem. Desse modo, Laura comunica uma informação importante sobre ela mesma, sem se comprometer diretamente, logo, sendo polida (cf. HENGST *et al.*, 2005; SCHELY-NEWMAN, 2009).

### Considerações finais

Este estudo nos permitiu corroborar a tese de que o uso do discurso direto consiste em uma opção da parte do falante afásico, uma escolha de um caminho alternativo para alcance da efetividade da comunicação. Pessoas que não apresentam afasia costumam alternar entre o uso dos dois modos de discurso reportado, ao passo que a participante deste estudo utiliza exclusivamente o modo direto para reportar a fala do outro.

Ademais, este estudo advoga que, ao reportar a fala de um personagem, a narradora não assume uma postura neutra (isenta de intenção/opinião) em relação à perspectiva do personagem, mas sim se posiciona criticamente ou favoravelmente a tal perspectiva, como, por exemplo, endossando autoelogios ou criticando pontos de vista no simples ato de reportar. Portanto, pessoas com afasia, assim como

pessoas que não apresentam comprometimentos linguísticos, podem recorrer ao uso do discurso reportado direto para realizar algumas ações, como, por exemplo, criticar ou se autoelogiar; ações que não seriam polidas se realizadas diretamente/abertamente. Afinal, no “aqui e agora” da interação, o discurso direto é criativamente construído pelo falante corrente (cf. TANNEN, 1989), apresentando algum valor e força do enunciado do autor original, o que acaba adicionando a perspectiva de outras pessoas ao que é reportado (cf. SCHELY-NEWMAN, 2009).

No que tange aos benefícios interacionais advindos do uso do modo direto de discurso reportado revelados neste estudo, temos que o emprego de tal construção possibilita que a participante (i) construa enunciados inteligíveis, cujas interpretações não carecem de reparos para serem alcançadas; (ii) não prolongue a construção de seus turnos de fala diante da dificuldade de estruturação de enunciados, conferindo fluidez ao seu discurso e evitando falas sobrepostas em decorrência de um atraso da construção do turno; (iii) construa diversas narrativas de modo habilidoso, o que seria impossível de ser alcançado de outro modo, dada a complexidade estrutural desse gênero discursivo; (iv) demonstre diversos aspectos das cenas por ela reportadas, conferindo maior vivacidade ao seu discurso e, por conseguinte, envolvendo os participantes da interação; (v) confira dramaticidade, ênfase, validação e autenticidade ao seu discurso; (vi) expresse sua perspectiva (seu pensamento) a fim de justificar e defender sua atitude; (vii) traga a voz de outros personagens para a interação; (viii) expresse a avaliação positiva e o elogio de outros personagens em relação à sua fala, assumindo, ao mesmo tempo, a perspectiva dos personagens, logo, realizando uma autoavaliação positiva e um autoelogio por meio da fala do outro, o que confere polidez à sua ação; e (ix) obtenha sucesso no gerenciamento da comunicação.

Podemos, então, sustentar que, ao fazer uso do modo direto de discurso reportado, pessoas com afasia podem promover diversos benefícios interacionais, contribuindo para o sucesso da comunicação. Enquanto participantes ativas do processo de construção de sentidos em contextos interacionais, pessoas com afasia podem ser capazes de demonstrar (nos e através de seus discursos) reconhecimento de tais benefícios, recorrendo a estratégias (como por exemplo, o discurso reportado direto) para lidar com o déficit linguístico por elas apresentado. Ademais, quando a estratégia utilizada é o discurso reportado direto, conforme este estudo nos possibilita defender, ao fazerem uso desse modo de discurso reportado, pessoas com afasia, por um lado, constroem um discurso simplificado (econômico), e, por outro, demonstram não negligenciar o efeito retórico desse uso.

## Abstract

This study investigates the interactional benefits of direct reported speech used by a person with aphasia, basing itself on interactional approaches in linguistics (TANNEN, 1989; SCHELY-NEWMAN, 2009) and aphasia (HENGST *et al.*, 2005; WILKINSON *et al.*, 2010). The analysis of speech data reveals: construction of intelligible utterances; speech turns without delay and narratives; engagement of the interactants; drama creation; validation of discourse; posture defense; inclusion of absent characters speech in the interaction; politeness; and communication management. It is possible to conclude that such interactional benefits could not be achieved without the use of direct reported speech due to limitations imposed by aphasia.

Keywords: Aphasia. Linguistics. Interaction. Direct reported speech.

## Referências

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Original publicado em 1988.

GOLDSTEIN, Kurt. **Language and Language Disturbances**. New York: Grune and Stratton, 1948.

GUMPERZ, J. J. On Interactional sociolinguistic method. In: Sarangi & Robert, **Talk, work and institutional order**. Berlin, New York: Mouton Gruyter. (pp. 453-471), 1999.

HENGST, Julie A.; FRAME, Simone R.; NEUMAN-STRITZEL, Tiffany; GANNAWAY, Rachel. Using Others' Words: Conversational Use of Reported Speech by Individuals With Aphasia and Their Communication Partners. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 48, p. 137-156, Feb. 2005.

JACKSON, John Hughlings. **Selected Writings of John Hughlings Jackson**. James Taylor (Ed.). London: Hodder and Staughton, 1931.

LANINI, Aline Gruppi; OLIVEIRA, Mônika Miranda de; VIEIRA, Amitza Torres. A utilização da prosódia por uma pessoa com afasia como um recurso para lidar com o déficit linguístico. **Gatilho**, Juiz de Fora, UFJF, ano 5, v. 10, p. 1-21, jun., 2010.

MURDOCH, Bruce E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem** – uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

OLIVEIRA, Mônica Miranda de. **O uso do discurso reportado direto por uma pessoa com afasia**: um estudo à luz da interface entre as vertentes linguísticas cognitiva e interacional. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

OLIVEIRA, Livia Miranda de; OLIVEIRA, Mônica Miranda de. O uso do discurso reportado direto por uma pessoa com afasia na construção de uma narrativa. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 1, p. 131-146, jan./fev. 2014.

PENN, Claire. Compensation and language recovery in the chronic aphasic patient. In: **Aphasiology**, v. 1, p. 235-245, 1987.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. **Language**, v. 50, n. 4, p. 696-735, Dec. 1974.

SCHELY-NEWMAN, Esther. Defining Success, Defending Failure: Functions of Reported Talk. **Research on Language and Social Interaction**, v. 42, n. 3, p. 191-209, 2009.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. Interactional Sociolinguistics. In: SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to Discourse**. Oxford: Blackwell publishers, 1994.

TANNEN, Deborah. “Oh talking voice that is so sweet”: constructing dialogue in conversation. In: TANNEN, Deborah. **Talking voices**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WILKINSON, Ray; BEEKE, Suzanne; MAXIM, Jane. Formulating Actions and Events With Limited Linguistic Resources: Enactment and Iconicity in Agrammatic Aphasic Talk. **Research on Language & Social Interaction**, v. 43, n. 1, p. 57-84, jun. 2010.

Submetido em: 15 de julho de 2015.

Aceito para publicação em: 09 de novembro de 2015.

